















GENTE QUE CUIDA

HISTÓRIAS DE QUEM SALVA VIDAS NA PANDEMIA

DANIELA PENHA

www.historiadodia.com.br





Apoio







Comunicação Empresarial

Execução

Textos e coordenação: Daniela Penha

Projeto gráfico e diagramação: Jaque dos Santos

Um projeto



www.historiadodia.com.br

Gente que cuida: um projeto que semeia empatia

odos os dias, milhares de profissionais deixam suas casas para combater um inimigo invisível. Enquanto alguns se isolam, outros redobram forças no trabalho: eis e balança necessária para vencer o coronavírus.

O projeto "Gente que cuida – Histórias de quem salva vidas na pandemia" nasceu porque se faz necessário valorizar as trajetórias desses profissionais em Ribeirão Preto. Escolhemos, nesta primeira etapa, focar nos trabalhadores da saúde. Sabemos que há outros profissionais essenciais enfrentando a pandemia nas ruas. Suas histórias também são importantes!

Nesse momento, porém, entendemos que é urgente falar da equipe médica, que se expõe diariamente ao vírus dentro de hospitais, laboratórios e consultórios, lutando para oferecer aos pacientes e seus familiares acolhimento e saúde recuperada.

É preciso semear empatia. Plantar em cada um a semente da conscientização e da gratidão. Aqui, temos 10 histórias. Sabemos que são milhares delas. Médicos e médicas, enfermeiros e enfermeiras, técnicos e técnicas, psicólogos e psicólogas, fisioterapeutas, terapeutas, nutricionistas: profissionais que unem forças e arriscam suas vidas para salvar outras e reverter a curva.

Muitos deles estão afastados das próprias famílias, centenas foram contaminados. Há quem, todos os dias, precisa empreender um esquema detalhado para entrar em casa sem se tornar risco para os filhos. Histórias que inspiram e queremos que reafirmam a importância desses seres, muito humanos, no enfrentamento desse momento tão complexo.

Isso tudo vai passar. E, quando passar, esses relatos sejam memória, registro do que estamos vivendo.

O e-book "Gente que cuida" é uma realização do História do Dia, com o apoio do Instituto Ribeirão 2030, Casa da Memória Italiana e Outras Palavras Comunicação Empresarial.

História do Dia: trajetórias inspiradoras em jornalismo literário

odo mundo tem uma história para contar. E toda história é importante! O projeto História do Dia nasce a partir desta certeza, em fevereiro de 2017. No portal **www.historiadodia.com.br** a jornalista Daniela Penha conta histórias de vida de todo tipo de gente. O acervo já soma mais de 400 histórias e deu origem a dois livros de coletâneas, publicados em 2018 e 2019, lançados na Feira Nacional do Livro de Ribeirão Preto e também em outras cidades e estados.

O projeto se transformou ainda em duas exposições interativas e acessíveis, que receberam milhares de visitantes nos períodos em que estiveram no Ribeirão Shopping e na Casa da Cultura de Ribeirão Preto.

História do Dia tira do anonimato as histórias fantásticas das pessoas comuns, ao retratar as trajetórias dos diversos personagens do cotidiano.

A jornalista busca as histórias, realiza entrevistas presenciais com os personagens e, a partir do que é colhido, escreve um texto que une jornalismo e literatura com a história de cada um. Compartilhar o bem e atuar como uma plataforma de inspiração também são objetivos do projeto, que cria um acervo memorial, resgatando e registrando a história de Ribeirão Preto e região através do relato de seus cidadãos.

Para existir, o projeto conta com o apoio de patrocinadores, parceiros, leitores assinantes e também já foi contemplado pelo Proac ICMS, programa de ação cultural da Secretaria de Cultura e Economia Criativa de São Paulo Paulo. Quer ser um apoiador? Entre em contato conosco!





Felipe contraiu Covid, se recuperou e voltou para a linha de frente

uando os casos do coronavírus começaram a chegar em Ribeirão Preto, Felipe tomou uma decisão. Alugou um apartamento e saiu da casa onde vive com as filhas e a esposa.

- Eu sentia que iria me contaminar. E tinha medo de ser um risco para minha família.

Pressentimento ou presságio, o sentimento estava correto. Na mesma semana em que partiu, o médico Felipe Barufaldi, 37 anos, manifestou os primeiros sintomas da Covid-19.

Toda a preocupação que já sentia se intensificou. Felipe atua com urgência e

emergência desde que se formou, há nove anos. No Samu de Ribeirão Preto desde 2015, como plantonista da ambulância e também na regulação, já atendeu a todo tipo de acidente e tragédia. O cotidiano em sua faceta mais dolorosa. Diz, entretanto, que em nenhum momento se sentiu tão apreensivo quanto na pandemia.

oi a primeira vez que senti necessidade de um apoio psicológico. Fiquei com muito medo de como as coisas iriam se desenrolar.

O primeiro sintoma que manifestou foi dor de cabeça. Achou que era algo do cotidiano. Trabalhou normalmente. No segundo dia, vieram também dores no olho e indisposição. Começou a desconfiar. Se afastou do trabalho no terceiro dia e, depois, recebeu o positivo para o teste do coronavírus. Ao longo dos dias, teve coriza, congestão, tosse e medo.

- la dormir pensando no pior, achando que poderia acordar com falta de ar.

Sozinho no apartamento alugado, recebeu carinho à distância e por drive-thru. Uma prima levava o almoço e deixava do lado de fora, amigos e vizinhos levaram livros e chocolates, a esposa e as filhas ficavam conectadas.

 A pior parte é estar sozinho, não ter ninguém do seu lado. Esse carinho foi muito importante.

Em seu organismo, a doença não tomou proporções graves. Em 10 dias estava recuperado. Escolheu voltar para casa, mais tranquilo por estar, de certa forma, imunizado. Também escolheu redobrar forças no trabalho.

- udo tem um propósito. Eu peguei o coronavírus, me imunizei e, agora, posso cuidar ainda mais das pessoas. Sinto que tudo foi para enfrentar isso e ajudar.

A vontade de ser médico começou lá na adolescência. Sempre que presenciava um acidente, Felipe queria estar perto, ajudar, acompanhar.

É o primeiro de sua família a seguir a profissão. Seu pai é engenheiro mecânico e a mãe dona de casa. Quando Felipe tinha 17 anos, a família se mudou de Araraquara, onde ele nasceu, para João Pessoa, na Paraíba, pelo trabalho do pai.

Quando se formou no Ensino Médio, tentou Medicina, mas não entrou. Decidiu, então, ir para a Fisioterapia. Largou o curso no terceiro ano.

- Faltava a parte mais intervencionista, a cirurgia. Sempre gostei da parte mais invasiva.

Passou em Medicina na Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas, Maceió, em 2006. Conheceu a esposa na faculdade. Ela se formou ginecologista. Os dois passaram um tempo em Salvador, para que ela terminasse a residência. Felipe começou, então, a atuar como plantonista em cidades da região.

Em 2013, o casal se mudou para Ribeirão Preto. Vieram grávidos da primeira filha, a Júlia. Felipe começou a residência em cirurgia geral na Santa Casa e depois foi para a Urologia, na Unaerp.

- Lu sempre fui muito resolutivo. Sempre gostei das coisas que consigo resolver. Gosto da cirurgia por isso: as coisas são resolvidas. Se você tem uma hérnia, vamos resolver.

Entrou no Samu em 2015, somando a residência, o nascimento da segunda filha, Manu, os trabalhos como plantonista.

- Eu dormia duas, três noites em casa. O resto era trabalhando.

A correria foi superada pelo encantamento:

- Hoje, é minha principal atividade. É onde me realizei nessa parte de intervenção.

Não parou de buscar aprender. Fez mestrado pesquisando a área de infectologia na USP de Ribeirão e, hoje, além do trabalho no Samu dá aulas na Unaerp e está começando os atendimentos em urologia.

A rotina de Felipe é feita de muito movimento.

Depois que a pandemia se instalou, a correria aumentou. As filhas não estão indo na escola, as atividades são feitas em casa e ele vê o lado bom.

A Manu está na fase de alfabetização. Aprendeu a ler com a gente!

A esposa, que também é médica, continua atendendo. Os dois, então, criaram um esquema de segurança em casa. Chegam pelos fundos, tomam banho, passam álcool no celular, chaves, objetos. E, só então, entram e cumprimentam as pequenas.

Manu responde sem hesitar: "Por que o papai ficou fora de casa?"

- Por causa do coronavírus!

Depois que teve a doença, Felipe intensificou os plantões no Samu. Explica que alguns colegas precisaram se afastar. Grupo de risco, manifestação de sintomas, dengue: motivos diversos.

- Tinha muito plantão descoberto. Eu peguei para ajudar. E foi bom, porque me senti útil.

Garante que, em nenhum momento da trajetória, repensou sua escolha.

 Nunca me arrependi. Nem mesmo nesse momento. Pelo contrário. Me senti mais importante do que nunca.

Aos seus alunos, então, ensina que é preciso se encontrar dentro do vasto universo da Medicina.

 Não é só ser médico. Tem que saber como você gosta de ser médico. Tem espaço para todos os tipos de pessoas.

Entre tantas histórias tristes que vive na rotina, escolhe seguir rememorando aquelas que são boas.

- Os atendimentos de traumas são gratificantes. Você consegue dar um conforto para o paciente quando ele está extremamente ansioso. Costumo conversar, tentar acalmar um pouco.

Na pandemia, vive parte delas. Uma amiga médica, que vive na Bahia, contraiu o coronavírus e ficou internada em estado grave. De longe, Felipe conseguiu ajudá-la conversando por telefone, orientando, acalmando.

 Ver os colegas se recuperando, poder ajudar, se sentir útil para os próprios colegas de profissão é muito bom.

Não deixa de tomar as medidas de segurança – afinal, o vírus ainda é uma incógnita.

- Fiquei um pouco mais destemido, mas tomo todos os cuidados, porque não sabemos. Hoje a gente tem uma verdade, amanhã é outra.

Depois de vivenciar o vírus, entretanto, redobrou as energias para combatê-lo.

 Essa sensação de poder ajudar, fazer o bem para as outras pessoas é o que me move.

Para Felipe, é mais um dia na linha de frente.

FELIPE BARUFALDI - MÉDICO DO SAMU DE RIBEIRÃO PRETO



Daniela mora em Franca, mas atua na linha de frente da pandemia em Manaus

medo que acompanha Daniela durante a jornada de trabalho não vai embora quando a médica chega em casa. O banho não é mais momento de relaxamento. É ritual de limpeza. Ensaboa todo o rosto e os cabelos, espera alguns segundos e enxagua. O coronavírus, ela explica, "fica agarrado". É preciso cuidado redobrado.

Desde que a pandemia chegou ao Brasil, a rotina da médica é feita de muita cautela, saudade e um aperto no coração. Na mesma medida, tem também muito trabalho e vontade de salvar vidas.

 Eu nunca tive tanto receio de trabalhar, mas quando me formei como médica fiz um juramento. N\u00e3o me vejo em outro lugar.

Passou três semanas em Manaus, coordenando uma UTI com 30 leitos sempre lotados de pacientes graves no hospital Delphina Aziz, referência em Covid-19 no Amazonas, estado que é um dos focos da doença no Brasil.

- Lu trabalho em UTI há 13 anos e nunca vi algo tão grave. Todos os pacientes entubados, com risco de óbito.

A médica intensivista Daniela Moreira, que é consultora da empresa ribeirão-pretana Gesti, não tem dúvidas de que a pandemia é seu maior desafio profissional. O amor que nutre pela profissão, entretanto, faz com que, todos os dias, a energia para prosseguir se renove.

– Ser médica é poder ser um instrumento de Deus na vida das pessoas no momento em que elas mais precisam. Eu peço a Ele que me mostre o que preciso ver para ajudar o paciente.

O que fez Daniela escolher a Medicina? Quanta história em uma pergunta!

A profissão parecia definida. Engenharia, inspirada pelos pais, professores de Matemática. Daniela, entretanto, foi surpreendida pelo questionamento da professora de Português, quando estava no colegial. "Você nunca pensou em ser médica?",

Não havia pensado, confessa. Mas, a partir dali, passou a pensar.

- Os desafios sempre me motivaram. Havia o desafio de entrar na faculdade, a carreira. Acredito que foi isso que motivou minha escolha. E ainda motiva.

A jovem, que nasceu e cresceu em Franca, passou na Faculdade de Medicina da USP, em Ribeirão Preto, em 1999. Quando ainda estava na universidade, um desafio familiar. A irmã caçula enfrentou um câncer aos 15 anos. Daniela, médica ainda em formação, ajudou no tratamento.

A irmã não só ficou bem, como escolheu também seguir pela Medicina. Energia para Daniela prosseguir.

Se formou em 2004 e iniciou a residência em terapia intensiva. O motivo? Os de-

safios, como se era de imaginar.

- O meu perfil de UTI vem daí. Não tenho perfil de ambulatório.

Terminou a residência em 2006 e no ano seguinte passou a integrar a equipe da Gesti – Gestão e Soluções em Terapias Intensivas, com um desafio dos bons como convite. Se mudou para Marabá, no Pará, para cuidar de uma UTI.

- Foi um desafio muito grande! Sair da minha cidade para morar fora. Tive muito apoio do meu marido, que largou tudo para me acompanhar.

Depois do Pará veio Altamira, Uberaba, Ilha do Marajó e, então, Manaus. Em 2014, Daniela, o marido e os dois filhos fixaram raízes em Franca, a cidade natal dela. A médica viaja por algumas semanas, para cuidar das UTIs em outros estados, e volta para casa.

Assumiu o trabalho em Manaus há um ano. E a rotina era assim: uma semana lá e três em casa. Com a pandemia, porém, tudo mudou. Com os voos restritos e o estado do Amazonas em situação crítica, ela estendeu a estadia por três semanas.

- á muitas fakes news dizendo que o que passa na televisão não é verdade, que estão inventando. É verdade, sim. Há 30 leitos na minha UTI, todos lotados. Além de outras UTIs no hospital. A maioria ainda falece.

Daniela, vivendo o maior desafio da trajetória profissional, precisa guardar a saudade e redobrar a força. Quando fala dos filhos, se emociona. O medo não é só pior si.

- Sinto receio também de levar para casa, de ser um risco para eles.

Por isso, os cuidados tão redobrados dentro e fora do hospital.

A milhares de quilômetros de casa, em meio à correria da rotina, foca a atenção em salvar, cuidar, acolher.

– Está embutido em mim: tenho que fazer isso, estar aqui. Mas existem formas de fazer. Eu faço com amor, tento me colocar no lugar do outro, ter atenção com o paciente e também com a equipe.

Nessas três semanas, entre as perdas, que são maioria, as boas histórias ganham espaço importante na memória. É nelas que busca se apegar. Uma paciente de 37 anos, que ficou em estado grave e, depois de dias internada, conseguiu voltar para casa.

 Foi uma das primeiras vitórias. A sensação é de dever cumprido; ter conseguido fazer o bem.

No dia da entrevista, faltavam três dias para Daniela voltar para casa. A saudade já se manifestava em emoção. A médica não iria poder abraçar seus meninos por sete dias, mas pensava em ideias, caso a vontade fosse maior que o controle.

- Uma roupa impermeável para poder abraçá-los...

O coração está sempre dividido. Como partir sem se preocupar com quem fica? O jeito, então, é torcer para que tudo passe logo. E ter fé.

- Lu quero que acabe, que a vacina saia o mais rápido possível, que quem pegou nunca mais pegue, que a economia aguente firme.

Daniela compartilha seus desejos com todos nós. Enquanto eles não se realizam, continua na linha de frente na missão de salvar vidas.

DANIELA MOREIRA, MÉDICA INTENSIVISTA E CONSULTORA DA GESTI



Karen faz Medicina com afeto e acolhimento, redobrando esforços na pandemia

ada paciente traz um mundo consigo. É um mundo todo. E a gente tenta entender até onde pode ir.

Karen Morejón acordou angustiada em uma sexta-feira de início da quarentena. Os casos do coronavírus estavam começando a chegar em Ribeirão Preto e, junto com eles, a falta de equipamentos de segurança para os profissionais da saúde.

A preocupação não nasceu ali. Vem de duas décadas de atuação na Medicina.

- Você tem que proteger ao máximo sua equipe. São profissionais que levam anos para serem formados. Isso sempre me preocupou.

Ligou para uma parceira, conversaram e criaram o projeto Máscaras do Bem, que até o final de maio já havia confeccionado e distribuído mais de 70 mil máscaras com a participação de voluntários e de uma rede de apoio.

Karen tranquilizou um pouco a mente. Só um pouco. Desde que a pandemia chegou, ela redobrou a jornada de trabalho em mais de uma frente. Desde 2001, quando iniciou a residência em infectologia no Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto, pesquisa e atua com o HIV. Desde 2016, também é responsável pelo controle de infecção hospital da Unimed.

A preocupação, então, começou antes mesmo dos primeiros casos chegarem ao Brasil, lendo um artigo em um site. Era início de janeiro. Chamou a equipe e começaram a preparar o hospital para o que já se anunciava que viria.

Quando, de fato, os casos chegaram foi preciso reformular também o trabalho com os pacientes portadores do HIV. São cerca de dois mil atendidos adultos no ambulatório do Hospital das Clínicas. A área foi fechada para pacientes com Covid-19 e os atendimentos ambulatoriais foram transferidos para outro setor. Karen se preocupou.

- A gente não podia deixar o paciente sem atendimento, sem acolhimento.

A equipe, então, ligou para todos os pacientes. Um a um. Explicou a situação e fez uma triagem. Os que precisam de atendimento com prioridade são atendidos presencialmente. Os outros são acompanhados por telefone, orientados, acolhidos à distância.

- Não queremos deixar nenhum deles desassistido. Temos feito o possível para entrar em contato com 100% dos pacientes.

A Medicina na qual Karen acredita é feita de muita conversa e afeto. No começo da entrevista diz que não sabe se é um defeito: gosta de papear com o paciente, entendê-lo, conhecer sua história. Que defeito tão cheio de qualidade, eu pensei. Tem pacientes que passam pelo seu acompanhamento há anos.

- Eu sinto uma sensação de bem-estar quando atendo um paciente. Chego em casa cansada, mas é com satisfação.

Conta que, coisa de três anos atrás, começou a anotar frases ditas pelos pacientes. Está fazendo uma coletânea.

- A gente deveria aprender a escutar mais... há uma diferença entre escutar e ouvir. Quando se é jovem, a gente não escuta. É uma pena... Dra. Karen Mirna Loro Morejón, 44 anos, conhece os detalhes, além do diagnóstico. Se interessa pelo sentimento, além dos sintomas físicos. A Medicina que pratica – na pandemia e no dia a dia – é feita de empatia e amor. Diz que gosta de ir ao Centro da cidade, comprar no bairro, do calor que há nisso. Eu concluo que, sobretudo, ela gosta de gente.

- A escolha pela Medicina foi natural.

Karen cresceu rodeada pelo cuidar feito com afeto. Seu pai era médico e sua mãe técnica de enfermagem. Em Cinquentenário, distrito de Tuparendi, Rio Grande do Sul, onde viviam, os dois atuavam em um hospital rural. Praticamente moravam na instituição, quintal de casa.

- A gente se criou ali. Era nosso playground.

O carro da família funcionava como ambulância. Quando um paciente precisava de transferência, os bancos eram afastados e mais de uma vez Karen e os dois irmãos foram de assistentes, segurando o soro. O irmão também se formou médico e a irmã trabalha com educação especial.

A Medicina que o pai praticava era feita de muita conversa.

- Todo mundo se conhecia. Era um distrito bem pequeno. Meu pai era anestesista, mas fazia de tudo. Ele e minha mãe eram uma dupla, com uma parceria grande.

A simplicidade da estrada de chão não atrapalhava o pleno funcionamento das coisas.

- udo funcionava: o centro cirúrgico, ambulatório, internação. Eu fico pensando: como conseguiam fazer tudo aquilo? Os verdadeiros heróis usam os recursos que têm na mão.

Viveram ali até os 10 anos de Karen e depois foram morar em Tuparendi. Ela fez faculdade na Universidade Federal de Pelotas. O contato com Ribeirão Preto surgiu através de uma professora com quem fez estágio. Recebeu todo o incentivo para prestar a residência – e prestou. Chegou em dezembro de 2000.

- Eu me apaixonei pelo sol, que cidade ensolarada! Adoro morar aqui! Se casou em Ribeirão, teve suas trigêmeas em 2011 e também aqui se encantou pela infectologia voltada para o HIV.

- A epidemia do HIV foi se modificando ao longo dos anos. Quando lemos sobre os

primeiros casos, vemos o quanto a vida desses pacientes foi sendo modificada. Isso é um bom sinal.

Por um bom tempo, Karen se frustrou. Era difícil entender por que alguns pacientes simplesmente não tomavam a medicação que controla o vírus HIV no organismo, adesão à terapia. Com o tempo, somou um aprendizado que extrapola os limites do consultório.

- Eu consegui entender que é o kairós: o momento de cada paciente. É preciso tentar esperar o momento de cada um. Tenho a noção de que vou fazer o que puder enquanto médica, mas, às vezes, não vou conseguir mudar o momento daquele paciente. É sofrido, mas é libertador.

Cada paciente carrega um mundo consigo. Um mundo que começa a se desvelar já no diagnóstico.

- É muito interessante o quanto cada pessoa recebe e maneja o diagnóstico de uma maneira diferente. Às vezes você acha que ela não vai dar conta e ela te surpreende.

A preocupação, entretanto, é a tranquilidade com a qual alguns pacientes recebem a infecção, tratando como se fosse simples uma doença que pode trazer desafios. Os medicamentos que tratam o vírus, mas não o curam, dão essa falsa sensação.

- Hoje, o paciente vive bem. Mas isso levou ao que estamos vendo: alguns não se preocupam mais. Não é dessa forma.

O maior desafio?

- La falta de percepção de risco. Para os jovens, nada vai acontecer, a vida é uma festa. E acontece também entre outras faixas etárias. Pessoas mais velhas que não se percebem em risco.

Aprendeu também que os julgamentos não têm espaço em sua rotina. O paciente, a pessoa que cuida do paciente: cada um vive suas dores e alegrias.

- Nosso telhado é de vidro bem fininho. Tem momentos da vida em que ficamos mais vulneráveis.

Com conversa, feita de confiança entre paciente e médica, vai costurando histórias, auxiliando no melhor tratamento.

Quando os casos do coronavírus começaram a chegar em Ribeirão, Karen passou a sentir falta de ar. Tinha a sensação de que havia uma nuvem no céu, se aproximando mais e mais.

Agora, com o trabalho em andamento, começa a ver as transformações que tudo isso vai deixar. No hospital da Unimed foi preciso preparar espaços e equipes.

- É uma doença nova e é preciso reestruturar um hospital que não foi pensado para isso. Estruturar o atendimento para os pacientes com Covid e para os outros, que não têm Covid. É um desafio.

O primeiro paciente atendido trouxe tensão, mas também mostrou que a reestruturação estava no caminho certo.

trabalho em equipe. Se você não tem a equipe unida, não consegue oferecer um bom atendimento. E uma equipe envolve todo mundo, desde os funcionários da limpeza. Eles são essenciais. Vão garantir que os ambientes estejam limpos. Recepção, portaria: é um encadeamento fundamental para que o atendimento seja bom.

O que toda essa situação está deixando de mais bonito, ela diz, é a soma de forças.

- Tem sido uma união bem bonita. Não é quem sabe mais, mas o que eu consegui de conhecimento para dividir com o outro.

Sua grande preocupação é se tornar um vetor do vírus para a família. Na linha de frente de segunda a segunda-feira, redobra os cuidados ao chegar em casa. E recebe todo carinho de suas meninas e do marido.

- Quando começou, eu os chamei e expliquei que passaria mais tempo fora de casa. Foram muito compreensivos. No começo, quase não os via. Tive que me dividir.

Quando pergunto por que a Medicina é tão importante em sua trajetória, leva as mãos ao peito e não encontra palavras para dimensionar a entrega.

- Acho que é aquela sensação de bem-estar. Uma vontade de cuidar... é um sentimento e não consigo dar nome a ele. Eu me sinto realizada.

Dra. Karen faz Medicina com amor: maior definição não há.

KAREN MOREJÓN – INFECTOLOGISTA QUE ATUA NO HOSPITAL DAS CLÍNICAS E HOSPITAL DA UNIMED



Coordenador de UTIs, Gil passa mais de 12 horas por dia no combate à Covid

h30: Gil Teixeira já está na rua.
- Todo dia é isso: nos levantamos e saímos para trabalhar sabendo que iremos encontrar o inimigo, combatê-lo e salvar vidas. Estamos salvando muitas vidas!

Coordenador das UTIs de dois hospitais diferentes, Santa Lydia (por meio da Gesti, empresa contratada pelo hospital para a gestão interna) e Unimed, a rotina do médico, que já era intensa, ficou ainda mais depois que os casos da Covid-19 chegaram a Ribeirão.

Somando as duas instituições, é responsável por uma equipe de 40 médicos, além de dezenas de outros profissionais. São 20 leitos de unidade intensiva destinados

apenas para pacientes com coronavírus, além das demais doenças que não saem de quarentena.

Todos os dias, Gil visita paciente por paciente, avalia o quadro, conversa com a equipe. Agora, precisou incluir mais uma atividade à rotina. No hospital da Unimed, os familiares conseguem ver os pacientes internados por vídeo-chamada. Foi a forma encontrada para amenizar um pouco a angústia da distância.

- L uma dificuldade dupla para os familiares. Primeiro, ver tudo o que está acontecendo, ouvir sobre as mortes crescentes no noticiário e, depois, passar por tudo isso e não conseguir ver o filho, o pai, o avô, o familiar que está internado.

O médico busca acalmar a angústia, mas preza pela transparência. Tudo o que está acontecendo é novo, inclusive para a Medicina.

- Eu abro o jogo: para mim também é novidade. A transparência é a melhor forma de manter os vínculos. Não oferecer expectativas falsas, mas também não jogar a toalha.

No saldo, mais vidas salvas do que perdidas nesses quatro meses. Energia para seguir!

A história de Gil é feita de marcos. Momentos que fortaleceram sua escolha pela Medicina, feita ainda na adolescência.

Seu pai era bioquímico e mãe trabalhava como fiscal do trabalho. Entre os três irmãos, ele é único que seguiu pela área da saúde. Acredita que essa escolha está na personalidade, enraizada na essência de cada um.

- Também tem a ver com o social, buscar uma profissão que te permita fazer o bem.

Aos 18 anos, enfrentou um câncer nos vasos linfáticos, linfoma. Estava na época do vestibular. Dos seis meses de tratamento, passou quatro internado. Estudava no hospital, confirmando sua escolha.

- Tive a certeza de que queria ser médico ali. Me ajudou a não ter dúvidas.

Um mês depois da cura, entrou na faculdade, em 1997. Cursou em Pouso Alegre, Minas Gerais, cidade onde nasceu e cresceu. Ali, conheceu sua esposa, que também é médica.

Fez a residência em clínica geral e, em 2005, passou em terapia intensiva no Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto. Se mudaram para cá e fincaram raízes.

Gil atuou por sete anos no HC, onde fez também seu mestrado, na USP. Sempre em terapia intensiva.

- emos um estigma de UTI. Tendemos a pensar que, se for para a UTI, o paciente irá morrer. E não é isso. Nós levamos para UTI os pacientes que têm chance de se recuperarem.

Depois de sete anos no HC, decidiu seguir por outros caminhos. Nos últimos dias de trabalho, em março de 2013, outra história que marcou a trajetória.

Um jovem havia sofrido um acidente que lhe deixou tetraplégico e estava na UTI em Cingapura, precisando voltar para o Brasil. Um residente, primo do paciente, contou o caso para Gil. A família gastara milhares de reais para o tratamento de Renato Mecca. Mas precisavam que ele voltasse, para que tivesse atendimento especializado.

Para isso, entretanto, era necessário uma UTI aérea e um médico que fosse buscá -lo. Os valores seriam altíssimos.

- Eu fui para casa, contei tudo para minha esposa. Naquela noite, não conseguia dormir de jeito nenhum. Ele só queria vir embora... decidir ir buscá-lo como voluntário!

Gil havia passado por uma cirurgia na coluna quatro meses antes. Não foi impeditivo.

Com doações e campanhas realizadas por amigos, a família conseguiu arcar com o transporte. Ele transformou um avião comum em UTI, com uma instalação engenhosa e que precisou considerar o tempo de voo, o abastecimento do oxigênio, todo o necessário para que o jovem voltasse em segurança.

A viagem durou 27 horas: de Cingapura para Barcelona, de Barcelona para São Paulo. Depois, trouxeram Renato para Ribeirão Preto, onde o médico pôde tratá-lo e vê -lo se recuperar. O contato entre eles se mantém ainda hoje. Renato faz palestras motivacionais e conta sua trajetória como inspiração para outras pessoas.

Para Gil, uma grande história, que só reafirmou, mais uma vez, sua escolha.

- Le poderia morrer lá. Pôde voltar para casa, se recuperar, ficar bem. Entregá-lo para a família, para a mãe, foi uma emoção muito grande.

A pandemia também será lembrada em sua trajetória como um marco. Não dá para ser diferente. É preciso muito amor pelo cuidar para seguir ao encontro do inimigo

diariamente.

- Eu faria tudo de novo. Sem sombra de dúvidas.

Ele e a esposa, que é endocrinologista infantil, atuam na linha de frente. Os filhos Davi, 11 anos, e Diego, 8, estão em casa. É preciso uma maratona para ajudá-los na escola virtual, manter o ritmo de brincadeiras e trabalhar quase sem folga. Para entrar em casa, os pais passam por desinfecção completa antes do abraço.

O medo de contrair o vírus foi se acalmando ao longo dos meses.

- Com o aprendizado, essa ansiedade começa a melhorar.

O coronavírus é uma doença "traiçoeira", ele diz. Causa complicações múltiplas, veio cheio de incertezas. Gil avalia que, na primeira "onda" de casos, como diz, os jovens foram maioria nas internações. Agora, na segunda fase, o número de idosos tem sido mais expressivo, o que torna o desafio ainda maior. Os leitos da UTI estão, na maior parte do tempo, ocupados. O cenário é imprevisível.

Pode estar super pesado hoje e semana que vem não. E depois, voltar ainda pior.
 Não dá para prever.

A equipe precisa, o tempo todo, caminhar unida.

- emos que ter paciência. Acreditar que vai passar e, enquanto não passa, lidar da melhor forma. Não adianta desesperar porque não vai mudar em nada.

Em outros tempos, o médico aliviava o estresse da rotina jogando tênis. Agora, precisa encontrar outros caminhos.

- Isso tudo irá nos ensinar a valorizar as coisas simples que temos. A possibilidade de ir ao cinema, ao restaurante, praticar um esporte. Fazíamos tudo isso de forma rotineira e hoje é um luxo.

Para os profissionais da saúde, ele acredita, a pandemia também deixará muitos aprendizados.

- O nosso comportamento será modificado. Não iremos mais fazer nenhum tipo de abordagem sem máscara, por exemplo. Tem a superação disso tudo, a experiência que virá e a resiliência que estamos aprendendo a ter.

É preciso que cada um faça seu melhor, ele pede.

- Lu coloco minha máscara para proteger o outro, mas se ele não coloca,

estou em risco. Tem gente que trabalha de manhã para comer no almoço.

Como parar tudo? É muito difícil! Por isso, a responsabilidade civil de cada um precisa ser aflorada.

"Vai passar", ele repetiu várias vezes. Não tem dúvidas de que, logo, tudo isso será mais um marco na trajetória, mais uma história para contar. Enquanto não passa, segue na linha de frente.

18h30: Gil volta para casa depois de 12 horas de trabalho, se não tiver algum plantão e tudo correr bem. O celular permanece ligado para possíveis ocorrências. Amanhã, um novo dia começa, combatendo o inimigo para salvar vidas.

GIL TEIXEIRA – COORDENADOR DAS UTIS DO HOSPITAL SANTA LYDIA E UNIMED



Talita atende urgências na saúde e também ajuda quem precisa de comida

omeçou com uma família. Talita ficou sabendo da história pelo motorista da ambulância. A equipe dele fez um parto na residência e percebeu que havia muita carência. Fizeram um mutirão, levaram fraldas e roupinhas.

Depois de 31 dias, a mãe do bebê faleceu, deixando cinco filhos. Talita, então, sentiu que precisava ir além. Começou uma campanha com amigos e familiares, usou suas redes sociais e, em poucos dias, havia recebido doações de alimentos e roupas para muitas famílias.

Passou a listar quem precisa e a levar ajuda quase diariamente.

- A fome não espera. Quando bate, dói. Eu já pensei qual leite daria para minhas filhas no dia seguinte, porque havia acabado e eu não tinha condições de comprar. Não consigo imaginar alguém dormir sem ter o leite.

A pandemia já havia chegado ao Brasil. Ela, que é técnica de enfermagem do Samu, atua na linha de frente. Viu a rotina mudar, o medo se instalar, o trabalho ficar ainda mais intenso. Nada disso foi impeditivo. Talita de Cico, 37 anos, ajuda a salvar vidas e a matar a fome. Leva atendimento de urgência, mas, depois, também atende quem precisa de roupas e alimentos.

- Há muitas pessoas que precisam trabalhar de dia para comer à noite. E, agora, estão sem trabalho. Alguns pedem ajuda. Outros só oram.

A solidariedade se desdobra em várias formas. Antes da pandemia ela já procurava estar atenta ao outro. Sempre encontrava uma forma de ajudar uma família, destinando parte do salário para isso. Agora, intensificou o ajudar.

- As pessoas perderam empregos, estão sem trabalho e entraram em necessidade. Uma das coisas boas do meu trabalho é poder fazer algo a mais. Acolher uma mãe que vive uma dor, orientar uma mulher que sofre violência doméstica. Não precisa parar ali.

No tempo livre – que é bem pouco! – ainda criou uma lista de transmissão no Whatsapp para compartilhar orientações de saúde, formas de evitar o contágio com mais de 100 inscritos entre amigos, familiares, conhecidos, parceiros da igreja que frequenta.

enfermagem, para mim, vai além da parte técnica. A gente cuida de seres humanos. Se não fizer por amor e com amor não consegue chegar na alma da pessoa, ir além do corpo, levar acalanto.

Talita se emociona na entrevista toda. Deixa o choro cair solto, sentido.

- Faz bem para a gente ver de onde saiu e onde está. Me sinto mais grata e com mais vontade de ajudar as pessoas.

A vontade de trabalhar na saúde surgiu ainda menina, compartilhada com a mãe, que era auxiliar de limpeza em um hospital e sonhava um dia integrar a equipe de enfermagem.

Começou o curso técnico junto com a filha, mas a vida conturbada não a deixou continuar.

- Acho que o desejo veio daí, de ouvir as coisas que ela me contava. Vem desde sempre.

O pai trabalhava como vigilante e foi preciso muito esforço para criar os seis filhos.

Por volta dos 16 anos, Talita começou a trabalhar em uma loja do Centro de Ribeirão. A vontade de ser enfermeira continuou pulsando.

Se casou aos 21, em 2004, e a primeira filha nasceu sete meses depois. O marido era porteiro e a incentivava a realizar o sonho. Quando se matriculou no curso técnico de enfermagem, em 2009, precisou se desdobrar entre a rotina de mãe e estudante, com as contas muito apertadas.

- Em alguns dias eu não tinha dinheiro nem para o ônibus. Não sabia como seria o próximo mês, se poderia continuar estudando. Tinha a mesma roupa e o mesmo sapato para o curso inteiro. Mas Deus foi abrindo caminhos.

Faltando cinco meses para terminar a formação, soube que a Prefeitura de Ribeirão Preto estava com concurso aberto e decidiu tentar.

- Nem te conto que deu certo! Passei em quarto lugar! Se formou já contratada.

- Lu me sinto realizada. Tudo aconteceu na minha vida além do que eu pedi.
Mais do que eu desejei ou imaginei que iria conquistar. Em palavras é difícil descrever a alegria que eu sinto. É gratidão.

Começou atuando na UBS (Unidade Básica de Saúde) e diz que foi essencial para aprender sobre o acolhimento ao paciente. Depois, foi para a UBDS (Unidade Básica Distrital de Saúde), onde também atendia as urgências.

- Ali eu percebi que era disso que gostava. Está no meu sangue.

Surgiu, então, uma vaga para o Samu. Há cinco anos, atua no serviço de urgência e emergência, sem nunca saber como será a jornada de trabalho daquele dia.

- São muitas coisas que acontecem e ficam marcadas. Nunca saem da cabeça...

Entre os casos que mais marcaram estão os que envolvem crianças. Precisou atender um homem que havia acabado de violentar e matar uma menina.

- Eu tive que prestar o atendimento de forma humanizada, como faço para todas

as outras pessoas. Recebi críticas por isso. Mas não estamos aqui para julgar. Se a gente escolheu essa profissão, temos que prestar o atendimento conforme o juramento, que é pela vida. Tive que ser muito profissional. Se deixasse o lado mãe aparecer, não seria profissional.

No atendimento a uma criança de três anos, que sofreu uma parada cardíaca e faleceu, buscou forças para consolar a mãe, oferecer um abraço.

- Eu compartilhei do sofrimento dela. Poder oferecer um acalanto foi muito importante para mim. Quando foge do que a gente pode fazer, quando está na providência divina, o que podemos é oferecer um abraço, um acolhimento.

Humana que é, também sofre. Não é só tirar o uniforme para deixar de lado as dores e alegrias da jornada de trabalho. Diz que encontra forças na sua fé – que é muita!

- Deus tem sido muito generoso comigo. Tudo é por Ele.

Quando os casos de coronavírus começaram a chegar em Ribeirão, Talita mudou a rotina, reforçou os cuidados durante os atendimentos e também ao chegar em casa.

Enquanto tentava acalmar o coração do medo, olhava para o lado, percebia o outro. Tornou a solidariedade – que já morava dentro de si – ainda mais presente.

- A humanidade não está perdida, não. Tem muita gente boa querendo ajudar.

Poder vivenciar o amor das pessoas para quem tem necessidade é muito bonito.

Mesmo ganhando pouco, com dificuldades, muitos se propuseram a doar.

Desde quando começou a pedir ajuda para a primeira família as doações não param de chegar. Faz a triagem, lista quem precisa, realiza as entregas.

- Não sei até quando vai ter doação. Quando acabar, a gente volta lá do começo, fazendo conforme nossas condições.

O coronavírus, afirma, é o maior desafio da trajetória profissional, que estava em uma nova fase. Hoje, Talita é aluna de graduação na enfermagem. Mais um sonho se realizando.

A rotina era de correria. Teve o segundo filho há três anos. Sai do Samu às 19h e, quando as aulas eram presenciais, tinha que estar na faculdade no mesmo horário, às 19h. Apesar do ritmo acelerado, tudo o que quer é a rotina antiga de volta.

- O meu maior medo é contrair o vírus e deixar minha família. As consequências são imprevisíveis. Não quero que minha história acabe no coronavírus. Quero ir além.

Antes eu tinha alguns medos. Hoje, é esse.

Chega em casa pelos fundos, usa um banheiro separado dos filhos e do marido. A todos que encontra pede que o isolamento social seja cumprido, que cada um faça sua parte.

- Chega a ser uma afronta com os profissionais da saúde, que saem para trabalhar e arriscam suas vidas, que as pessoas continuem fazendo as mesmas coisas.

No futuro, quer contar mais uma história de vitória, entre as tantas que já soma.

- Eu quero contar que sobrevivi a isso e ficou tudo bem.

Segue reinventando seu fazer com solidariedade e muito amor.

TALITA DE CICO, TÉCNICA DE ENFERMAGEM NO SAMU DE RIBEIRÃO PRETO



Com equipe de psicologia, Ana leva afeto e acolhimento para ambiente hospitalar

evar afeto para espaços, na maior parte do tempo, repletos de dor. Aproximar família e paciente, mesmo com o isolamento físico. Cuidar das angústias da equipe médica. Escutar sempre, em primeiro lugar.

O papel de Ana Ficher, 48 anos, dentro do hospital sempre foi de acolhimento, essencial para quem enfrenta rotina de recuperações e perdas. Durante a pandemia, a necessidade de abraçar os sofrimentos se fez ainda maior. A equipe de psicologia passou a ser ainda mais requisitada por pacientes, famílias e equipe médica, cada qual com sua apreensão.

www.historiadodia.com.br

- Eu penso que cuidando da dor ela fica suportável. A dor só é insuportável quando ninguém cuida dela.

Há 20 anos, ela é parte do setor de psicologia do Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto – Unidade de Emergência. Hoje, coordena a equipe, formada por 10 profissionais. Quando entrou, entretanto, mal se sabia qual era a função de um psicólogo em ambiente hospitalar.

A primeira psicóloga a atuar no hospital chegou em 1998 e Ana veio dois anos depois, como a segunda profissional de toda a instituição. Ajudou o setor a crescer, mostrando sua importância. Aos poucos, o acolhimento psicológico passou a ser solicitado mais e mais, presente hoje em todos os setores.

- la psicologia, a gente trabalha com a palavra, mas mais ainda com a escuta. Ser ouvido é um privilégio de poucos. Nós abraçamos escutando e até com os olhos, porque há pacientes que não conseguem falar. É a presença, o olhar.

Esse trabalho de acolhimento está presente, inclusive, nos planejamentos estruturais. O psicólogo acompanha a evolução do paciente, participa das discussões de caso, é parte.

"Bom dia! Eu sou a Ana, da UE, mas não aconteceu nada. Só estou ligando para saber como vocês estão. O seu filho está na UE, sendo cuidado pela equipe. Estou ligando para conhecer a senhora. Não é um momento fácil...".

É preciso carinho em cada palavra. Abordar por telefone uma mãe que internou seu filho com Covid-19 não é tarefa de dois minutos. Entre as primeiras palavras, Ana vai logo se explicando.

- Algumas pessoas já passam mal só de receber a ligação do hospital. É preciso avisar que está tudo bem. Que o motivo da ligação é outro.

Antes da pandemia, esse contato era feito pessoalmente, com a família presente no hospital. Ao longo de duas décadas de atuação, uma das conquistas de Ana foi deixar os familiares cada vez mais partícipes no tratamento, até mesmo na UTI. Na UE, os horários de visita eram estendidos, pela compreensão de que o contato entre o paciente e as pessoas queridas é uma importante frente no tratamento. A família é uma "parceira", como ela diz.

- Para resgatar o paciente, precisamos resgatar a vida dele lá fora. E a família é o elo mais importante dessa vida.

Quando os casos do coronavírus começaram a chegar a Ribeirão, o hospital já tinha um novo protocolo, pensado pela segurança de familiares, equipe e pacientes.

Hoje, todas as visitas são restritas, em todos os setores. Apenas pacientes acima de 60 anos, crianças ou com alguma deficiência, que estão na enfermaria, podem ter acompanhante. Os demais só recebem visitas quando a evolução está gravíssima, com possibilidade de morte. Uma despedida.

A mudança mexeu com cada pedacinho da instituição.

- A gente compreende a importância disso e apoia, mas é muito sofrido para todos. É uma restrição necessária, mas que aumenta o drama dessas famílias.

O setor de psicologia precisou, então, pensar em uma forma de manter próximo quem está distante. O primeiro passo é a ligação. Ana explica que as psicólogas procuram telefonar para a família nas primeiras 24 horas de internação.

Como a instituição é de emergência, alguns pacientes podem já ter sido transferidos nesse tempo, mas elas mantêm o contato ainda assim. Com o número de internações crescendo, não tem sido possível manter esse prazo de 24 horas. Elas se desdobram, porém, para que o primeiro contato ocorra o mais cedo possível. Acolher a família é o principal.

- Se o paciente ficou lá é porque é grave. Não há previsão de como vai ser, quanto tempo, por quem será atendido – porque eles não nos veem mais. É uma angústia muito grande, que a gente tenta sanar com os telefonemas. Quando a família conversa com alguém do hospital, ela se sente acolhida.

As chamadas de vídeo têm sido outro recurso importante. Tanto a equipe de psicologia e serviço social quanto a médica tem procurado ligar para que os pacientes possam ver seus familiares e haja uma aproximação.

As psicólogas também procuram estar presentes em cada conversa que a equipe precisa ter com a família, seja para avisar sobre o óbito ou alertar para o agravamento do caso. E, quando há uma morte, telefonam alguns dias depois, para oferecer um apoio, se solidarizando com a dor do outro.

- Nós criamos uma relação com a família porque, muitas vezes, somos o único elo que ela tem com o paciente no hospital. Então, nos tornamos parte daquela dinâmica familiar. Na Covid, por exemplo, tem pacientes que passam três meses internados.

Outra mudança que a equipe de psicologia precisou abraçar veio da equipe. Ana explica que os psicólogos do hospital não podem prestar atendimentos aos funcionários, como uma terapia, pelos vínculos existentes. Não significa, entretanto, que não haja apoio, troca. Entre os protocolos instaurados na pandemia, houve a formalização desse acolhimento, com o apoio de toda a equipe.

- Eles sempre sofrem, não é só na pandemia. A gente via o sofrimento deles, precisando ser cuidado.

Além disso, a hospital criou o projeto "A UE se importa com você", com a união da equipe de psicologia e terapia ocupacional, para estimular trocas de mensagens positivas entre os funcionários. Um enfermeiro que canta manda um vídeo com uma música, a nutricionista pinta porcelanas, alguém declama um verso e todo mundo vai sendo cuidado.

- São micromomentos de prazer que se tornam refúgio para que a gente possa se proteger.

A união, Ana enfatiza, é que tem possibilitado todos os projetos, todo esse acolhimento. A equipe é multiprofissional e engloba psicologia, fisioterapia, fonoaudiologia, terapia ocupacional, nutrição, farmácia, serviço social, além dos médicos e enfermeiros.

Pessoas complexas não podem ser tratadas como iguais.

Todos os dias, Ana vive uma história única dentro do hospital. Carrega consigo as mães que ajudou a se despedirem de seus filhos, os últimos momentos e também as recuperações. Dores e alegrias compõem sua rotina, feita pelo imprevisível.

Aconselha que o afeto seja expressado, que o amor se transforme em palavra.

- Agente incentiva que as famílias falem, sim. Ainda quando o paciente não pode responder ou parece não ouvir. Há mistérios que a gente desconhece.

Sua primeira filha, Letícia, completaria 18 anos. Nasceu prematura e faleceu com 13 dias de vida, transformando a mãe por inteiro.

- É um marco na minha história. Me tornei outra pessoa, outra psicóloga. Eu vivi os 13 dias com ela da forma mais intensa e plena que pude. Compreendi a agonia dos pacientes, a fé que a gente tem de que tudo vai dar certo.

A vontade de ser psicóloga apareceu quando ainda era menina.

- Desde criança tenho um encantamento pelas emoções. Sempre entendi que quando o corpo fica doente tem algo mais ali.

Nasceu no Ceará, mas aos cinco anos já vivia em Ribeirão Preto com sua família. Entrou na USP aos 17 anos e construiu carreira no Hospital das Clínicas. Pesquisou suicídio entre adolescentes, fez mestrado, passou no concurso e ainda hoje comemora.

- É um lugar que eu amo. Apesar de trabalhar com o risco da morte o tempo todo, tem muita vida. Nós batalhamos o tempo todo para que tenha muita vida.

Se casou em 1997 e Letícia nasceu cinco anos depois. Aprendeu com a filha e com cada pessoa que atendeu em tanta trajetória.

- Lu vejo a morte como parte da vida. Os pacientes que falecem me ensinaram sobre a intensidade com que eu levo a vida, a sede que eu tenho de viver todos os segundos sabendo que, a qualquer momento, tudo pode mudar.

Teve outros dois filhos, João, 16, e Sofia, 10. A força para os dias difíceis.

- Penso sempre no que tenho em casa, na minha família, nos meus filhos, meus pais e em como a vida é boa. Como a vida é boa!

Seus "micromomentos de alegria", como nomeia, estão no convívio com a família, no cuidar das plantas, na música e também no choro. Não segura lágrimas, pelo contrário. Oferece espaço para que elas saiam.

- Nem sempre as pessoas conseguem fazer isso. O choro é a expressão das emoções. Sou mãe, já perdi uma filha, sei que sempre vou me emocionar ao atender uma família. Essa sensibilidade é necessária para que eu esteja em sintonia com o sofrimento da família, para que eu seja empática.

É afeto por inteiro, sem ressalvas.

A pandemia do coronavírus, não há dúvidas, é um dos maiores desafios em sua trajetória. Como não poderia ser? Ela tem encontrado o equilíbrio necessário nesses tantos aprendizados de duas décadas. Percebe que está no caminho certo a cada mensagem que recebe, a cada troca que se estabelece.

- A coisa mais preciosa que uma mãe tem na vida é um filho. Falar dele para alguém que ela nunca viu, que está conversando pela primeira vez, é um presente muito grande. É um privilégio a família ouvir sua voz e te dar de presente a confiança para contar a história dela.

Entre tantas dores e alegrias, aprendeu a ressignificar o resultado de um bom atendimento.

- Muitos profissionais entendem que o sucesso do tratamento é a cura. Isso causa um sofrimento muito grande. Nossa vida é finita. Não vamos salvar a todos, mas precisamos cuidar de todos.

O carinho que a família recebe floresce em gratidão.

- A equipe começa a entender isso quando a família manda carta, demonstra que, mesmo que aquele paciente tenha falecido, ela é grata pelo cuidado que você deu a ele. Teve uma família que mandou um banner! O paciente teve vida, foi cuidado até os últimos dias.

Ana leva afeto para cada espacinho do hospital. A dor pode ser tratada com aconchego.

Quer, então, que todo o distanciamento acabe logo, que os abraços que tanto distribuía sejam possíveis de novo. E faz um apelo.

- As pessoas precisam entender que só vamos conseguir vencer essa doença com a ajuda de todos. Não dá para um fazer o isolamento e o outro não. Aquele que não faz coloca em risco centenas de pessoas.

Segue, então, fazendo seu trabalho. Todos os dias, acorda com a missão de tornar a dor de tantas famílias mais suportável. Abraçar com os olhos e o ouvido. E, então, fazer com que dias de tanta angústia sejam lembrados com mais leveza.

ANA FICHER - PSICÓLOGA DO HOSPITAL DAS CLÍNICAS - UE



Carlos Couri redobra esforços para orientar diabéticos contra a Covid-19

primeira inspiração veio do médico que atendia a família, lá em Minas Gerais. Era cardiologista, mas tratava um pouco de tudo. la nas casas das pessoas e levava afeto na maleta.

- Todo mundo tinha um respeito muito grande por ele. Nós seguimos exemplos. Somos como uma esponja, né?

No consultório de Carlos Eduardo Barra Couri tudo se inicia com uma conversa. Como é que vai o futebol? E a política? Depois que o paciente consegue relaxar, começam os assuntos de saúde. - Minha característica é essa: sou um contador de prosas! O paciente não quer ir ao médico, está fragilizado, precisando de ajuda. A gente conversa, dá risada antes e vai acalmando. Quando vê, a consulta fluiu bem.

Em tempos de pandemia, é preciso redobrar o papo e a calmaria. Carlos Eduardo é especialista em diabetes. Talvez seja preciso mais para defini-lo:

- A minha vida se confunde com o diabetes.

Endocrinologista e pesquisador da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (USP), participou do primeiro transplante de células-tronco como tratamento para o diabetes e continua estudando a técnica, pioneira no mundo.

Depois, escreveu um livro de orientações aos pacientes: "O futuro do diabete". Trabalha no consultório particular e também no HC. Tem uma coluna na Veja Saúde, onde publica informações sobre a doença. A rotina diária está relacionada a esse mal, que atinge milhões de brasileiros.

- principal tratamento não é cirurgia. No dia a dia, a base do tratamento é a educação. Por isso, o paciente precisa ter informação de qualidade.

As notícias sobre o coronavírus já fizeram o alerta. Diabetes é fator de risco. Em tempos de tanta angústia, além de clinicar e cuidar o médico também precisa acolher e acalmar. Desespero não ajuda, ele ressalta. E há muita gente se deixando contagiar por esse sentimento.

- A única forma de evitar o pânico é com informação de qualidade. Informar e ponderar. Falar do problema, mas também da solução.

Desde que os casos começaram a chegar em Ribeirão Preto, a filha de quatro anos e a esposa foram para Minas Gerais, na casa dos pais dela, para que Carlos Eduardo pudesse continuar na linha de frente com um pouco mais de tranquilidade.

Atende aos pacientes no consultório, mas também vai nas casas.

- Eles precisam de mim. É meu dever.

Redobra os esforços.

A família é de imigrantes libaneses e italianos, que vieram para o Brasil construir a vida. Carlos Eduardo nasceu e cresceu em Minas Gerais, Santos Dumont, com toda a liberdade de brincar na rua que o interior proporcionava.

Os pais tinham comércio. As opções eram estudar ou ajudar trabalhando "atrás do balcão", como ele diz. Escolheu a primeira. Passou em Medicina em Juiz de Fora e co-

meçou a faculdade em 1995. Cursando a disciplina de endocrinologia se encantou pelos estudos do diabetes e começou a se especializar.

Passar na residência em Ribeirão Preto, no Hospital das Clínicas, era um desafio – conquistado com sucesso! Veio em 2001 e, após 10 horas de viagem no ônibus, fincou raízes.

Pesquisou a relação entre diabetes e as doenças cardiovasculares. Foi se especializando cada vez mais. Entrou direto no doutorado e continuou a estudar.

- O diabetes é uma doença comum. Meus pais e meus tios têm e todo mundo leva a vida numa boa. Não é o diabetes que define a pessoa.

Em 2003, o médico Júlio Voltarelli, um dos mais importantes pesquisadores em células-tronco no Brasil, criou a Unidade de Transplante de Medula Óssea do Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto.

Carlos Eduardo tinha 28 anos quando participou do primeiro transplante de células-tronco para tratamento de diabetes tipo 1 do mundo, a convite do professor, no início de 2004.

- Isso mudou nossa vida. Foi uma das coisas mais revolucionárias que eu já vi. E eu estava envolvido.

Vieram publicações internacionais de renome, entrevistas, reportagens pelo mundo todo. A diabetes tipo 1 é uma doença autoimune mais comum em crianças e adolescentes.

- E possível fazer pesquisa de alto nível no Brasil, no interior de São Paulo.

Isso me fez crescer profissionalmente e pessoalmente.

O professor Júlio foi seu padrinho de casamento, em 2007. Faleceu em 2012, deixando bonita história de amizade e pesquisa científica, como Carlos Eduardo diz.

Depois do primeiro, o médico conta que já foram realizados outros 38 transplantes e a pesquisa segue em andamento. Os estudos revelaram que 84% dos pacientes que passaram pelo procedimento pôde deixar o uso da insulina: mudança profunda na qualidade de vida e grande conquista para a Ciência.

- Ver uma família chegar preocupada com um filho que tem diabetes e pode morrer e vê-la voltar sem precisar da insulina é espetacular.

A ideia do livro surgiu após o transplante, com o dia a dia de consultório. Mais um importante capítulo da sua história.

- O transplante mudou minha vida, mas o livro impacta muito os pacientes. Eu notava que eles precisavam de informação de qualidade.

Informação: a palavra que, para ele, é essencial na rotina do paciente com diabetes e mais ainda nesse momento de pandemia.

Carlos Eduardo tem repetido, sem cansaço, tudo o que sabe sobre a doença.

- Lo momento de ter a glicose bem controlada, fazer atividades físicas em casa, ter alimentação saudável, medir a glicose várias vezes ao dia, tomar o remédio sagradamente, falar com seu médico.

A diabete é fator de risco para a Covid-19, não há dúvidas. Para o médico, entretanto, o pior prognóstico é a doença mal controlada. E ele alerta:

- O grande problema é que a maioria das pessoas está com a diabetes mal controlada ou nem sabe que tem diabetes.

Os pacientes que mudam de vida após o diagnóstico, na opinião dele, passam a ter a saúde estável e, no caso de uma infecção, podem evoluir melhor.

- Uma pessoa com a saúde controlada pode evoluir até melhor do que outro, que não tem a diabete.

O principal, ele enfatiza, é evitar o pânico.

- Eu não quero que o meu paciente pare no Pronto Socorro pela ansiedade.

Diabetes é doença que se cuida diariamente, com mudanças de hábitos que, nesse momento, precisam ser ainda mais saudáveis.

- A base do tratamento é a educação.

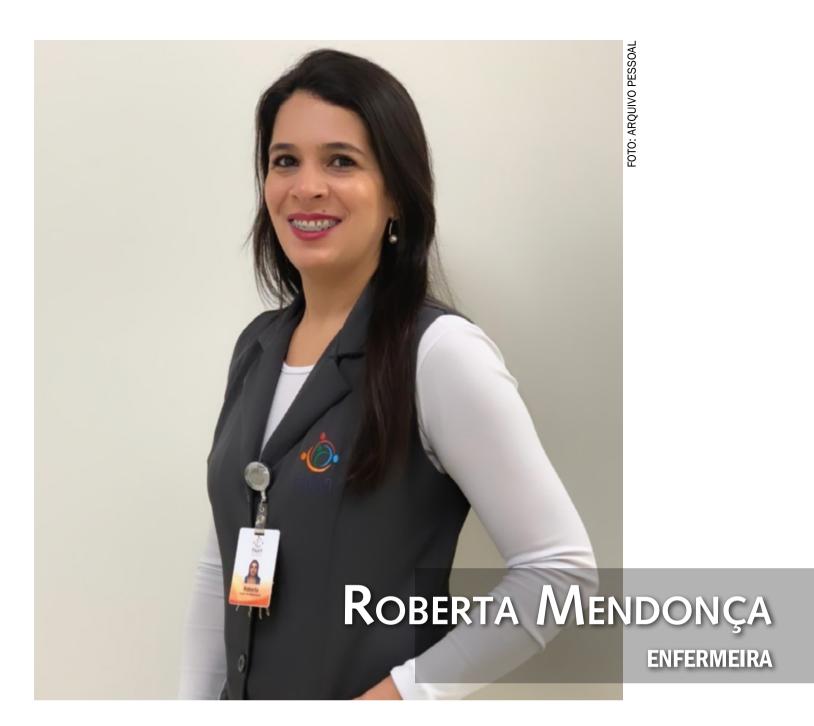
Carlos Eduardo, em tempos de pandemia, tem buscado, além de orientar, acalmar as pessoas.

- Ter diabetes não é uma sentença de morte.

Durante a entrevista, o médico recebeu uma mensagem. Um de seus pacientes havia recebido o positivo para a Covid-19. Na linha de frente, ele se preparava para orientá-lo e atendê-lo.

- Eu espero que tudo isso termine bem. E que toda essa preocupação com a saúde que estamos vendo agora seja aproveitada depois.

CARLOS EDUARDO BARRA COURI, ENDOCRINOLOGISTA E PESQUISADOR DA FACULDADE DE MEDICINA DE RIBEIRÃO PRETO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP)



Para se tornar enfermeira, Roberta enfrentou desafios com muita garra

a formatura de Roberta teve muita choradeira boa. O diploma de enfermeira foi realização conquistada com trabalho persistente e amor à profissão. Desistir não foi opção, mesmo quando ela não fazia ideia de como iria arcar com a mensalidade e tinha que dobrar turnos na madrugada para conseguir.

Na família – pai, mãe e três filhos – foi a única a conquistar o Ensino Superior. Trabalhar na saúde era vontade compartilhada com a mãe. Ela dizia que, se pudesse, seria auxiliar de enfermagem. Criar os filhos era mais urgente, porém. Trabalhou como caixa somando forças com o marido, pai de Roberta, que era motorista de ônibus. - Eu sou apaixonada pelo que faço. Ver uma pessoa que estava quase morrendo se recuperar vale tudo na vida da gente.

A noite em que colou grau, Roberta diz, foi uma das mais bonitas de toda vida. E fez além. Ganhou um prêmio pelo melhor trabalho de conclusão de curso da turma e, antes mesmo da colação, já estava com emprego garantido na área. Não deu para conter o choro, que saiu fácil e cheio de alegria. Como quando ela relembra sua trajetória.

- Eu me emociono ao falar... e sinto muita gratidão de chegar aonde cheguei. Cheguei aonde eu queria: isso não tem preço.

Esse amor pelo que faz é energia em dias como os atuais. Desde 2018, Roberta Mendonça, 34 anos, é coordenadora do Pronto Atendimento de Alta Performance do Centro Médico, localizado no Ribeirão Shopping. Tem atendido pacientes com suspeita e confirmação da Covid-19.

Viu alguns deles serem internados em estado grave, com alto risco de morte. E comemorou as recuperações. Faz testes rápidos para confirmar o coronavírus todos os dias. As mãos estão ressecadas de tanto álcool gel. Mas a vontade de estar presente não diminui.

- Nessa profissão nós temos que encarar. Não podemos nos esconder. Somos nós que estamos ali, na linha de frente. Poder ajudar me dá forças.

Na casa simples, todo mundo tinha que desempenhar uma função. Roberta conta que, como os pais trabalhavam, ela e os irmãos cuidavam da limpeza, das roupas, tinham suas responsabilidades. Não faltava comida, mas os brinquedos eram poucos e divididos.

- Meus pais fizeram de tudo. A casa era simples, mas aconchegante. Isso fez a gente crescer!

Não conseguiu esperar a maioridade. Quando completou 16 anos, arrumou um emprego durante o dia, na recepção de uma loja, e estudava no período da noite. No ano seguinte, então, buscou o curso técnico de enfermagem, que poderia ser pago com seu trabalho.

Conta que, como não tinha 18 anos, sua mãe teve que assinar uma autorização para que ela fizesse a formação. Pouco depois, pediu demissão do emprego na loja – nessa altura, já havia sido promovida e trabalhava na parte administrativa.

- Meu chefe chorou quando eu saí, mas ficou feliz por eu estar buscando minha área.

Foi em busca de estágio e conseguiu no dia seguinte, em um hospital. Estagiava durante o dia e estudava noite. Quando o curso técnico acabou, veio a vontade da faculdade.

- Era fora do que eu ganhava... fui no emprego e pedi para trabalhar à noite.

Com o adicional noturno, conseguiria pagar.

Depois de um mês trabalhando na madrugada, percebeu que não havia sido um bom caminho. O cansaço era muito e não conseguia se dedicar aos estudos.

Buscou ajuda e conseguiu abrir portas na faculdade Barão de Mauá. Poderia fazer o curso com um crédito, para pagar no final. Também teve orientação para obter o Fies, um financiamento estudantil, e pôde, então, estudar com tranquilidade.

Durante o curso, fez estágios, atuou na UTI neonatal infantil e adulto: se encantou!

- Minha mãe e meu pai choraram muito na formatura. Minha mãe fez questão de pagar a festa. Dizia que eu merecia.

Quando se formou, em 2010, passou a trabalhar na Gesti Soluções, atuando na UTI neonatal do Hospital São Lucas. Em 2016, foi promovida à coordenadora das UTIs adulto e infantil e em 2018 recebeu o convite para assumir a coordenação do Pronto Atendimento de Alta Performance do Centro Médico.

- Na minha profissão, a gente aprende a dar valor. Reclamamos de coisas mínimas perto do que as pessoas passam. Sou apaixonada pelo que eu faço!

Desde que os casos de coronavírus começaram a chegar em Ribeirão Preto, a rotina de Roberta mudou. No trabalho, cuidado redobrado. Em casa, mais ainda. O maior medo é ser um risco para o marido e o filho.

- Não consigo ver uma situação pior do que essa na minha trajetória... parece que estamos vivendo em um mundo que não é o nosso. Um filme, um sonho.

No Pronto Atendimento, os protocolos são rígidos. Limpeza e cuidado são as palavras. Ela faz um alerta. Recebe pacientes que não têm sintomas, mas estão com a doença. Outros que apresentam apenas dores de garganta e, rapidamente, têm um agravamento do quadro.

- Não podemos levar em consideração os sintomas. Não sabemos quem está ou não, em quem vai se manifestar de forma grave ou não.

Em casa, os cuidados continuam. Chega e, antes de qualquer coisa, toma um banho, em um banheiro que não é usado por mais ninguém. Só sai para o trabalho.

- A gente fica triste, mas não posso ser um risco para ninguém.

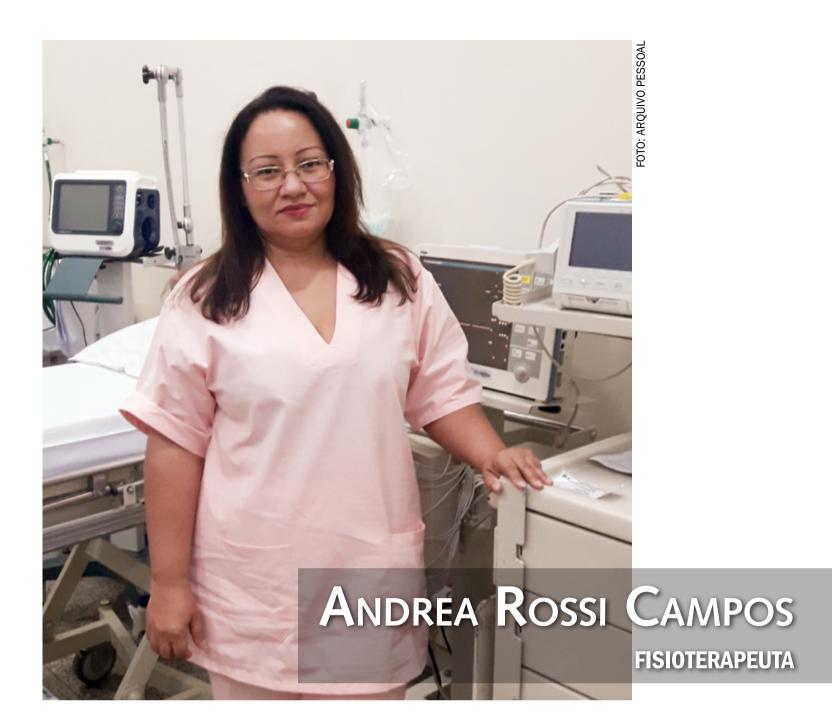
A força para seguir vem do amor à profissão somado ao carinho que recebe da família. Enquanto ajuda a salvar vidas, vai projetando um futuro melhor.

- Lu acredito que, de alguma forma, isso tudo está servindo para mudar o pensamento das pessoas. É um momento de muita reflexão, em que estamos aprendendo a valorizar coisas que antes não valorizávamos.

Segue, então, fazendo sua parte.

- Ser enfermeira é cuidar, ajudar o próximo. E ajudar é muito bom!

ROBERTA MENDONÇA, COORDENADORA DO PRONTO ATENDIMENTO DE ALTA PERFORMANCE DO CENTRO MÉDICO



Fisioterapeuta Andrea ajuda pacientes com Covid-19 a respirarem melhor

uando você percebe que seu trabalho pode impactar a vida da pessoa, sente um estímulo muito grande para continuar.

Ajudar a respirar. Desde que os casos da Covid-19 chegaram a Ribeirão Preto essa tem sido a principal função de Andrea Rossi Campos, 46 anos.

Escalada para o setor de coronavírus do Hospital das Clínicas de Ribeirão, instituição onde trabalha há 20 anos, ela encontrou coragem no tempo de profissão. Fisioterapeuta, é parte essencial no tratamento dos pacientes com a doença.

- Eu decidi enfrentar. Busquei forças no que tenho de experiência como profissio-

nal. Não vou dar suporte para uma doença, mas para uma pessoa que está muito assustada, longe da família, com medo.

Todos os dias, Andrea ajuda pacientes a respirarem melhor, tentando aliviar a falta de ar e o comprometimento pulmonar causado pelo vírus.

- A equipe de saúde foca muito no fisioterapeuta, porque nós conseguimos estar mais tempo próximos do paciente, observando a oxigenação, atentos à evolução do caso.

Exercícios respiratórios para melhorar a oxigenação e dar mais conforto, exercícios para a circulação, monitoramento detalhado da situação dos pacientes: são algumas de suas funções.

- Os pacientes críticos podem estabilizar. Com fisioterapia, é possível ver a melhora dos pacientes infectados pela Covid.

Ela é o convívio diário de pacientes que estão isolados de suas famílias, aflitos, inseguros. Procura, então, levar mais do que o atendimento técnico.

- Eles só têm contato com a equipe médica. Se conseguirmos passar segurança, mostrar que ele está sendo bem atendido e que a doença não é impossível de ser vencida, o paciente vai se acalmar e te ajudar no tratamento.

Entre todas as funções, torce para que não seja preciso entubar. Sinal de agravamento do quadro. Assim como as melhoras, tem visto casos graves todos os dias. Ela lamenta: eles ainda são maioria.

- O esperado seria termos idosos com complicações, mas não tem sido assim. Temos pacientes jovens, sem doença prévia em situação crítica.

Enfrenta a pandemia na linha de frente. O carinho pelo cuidar a acompanha diariamente.

- O profissional precisa ter amor e compaixão por aquela pessoa que está precisando de atendimento; passar segurança para ela, explicar a doença, o que está sendo feito.

Andrea nasceu em Minas Gerais, mas cresceu no nordeste do Brasil, Fortaleza.

A mãe era dona de casa e o pai engenheiro. Chegou a fazer dois anos de Engenharia, inspirada por ele. Não foi possível esconder a vontade que já pulsava, porém.

- Não era aquilo! Desisti e fui para a Fisioterapia.

Se formou em 2000 e decidiu prestar residência no Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto, a milhares de quilômetros de casa. Veio com duas amigas para fazer a prova. Foi a única que passou.

- Vinte anos é bastante tempo! Eu vejo todo dia a possibilidade de fazer alguma coisa para melhorar a qualidade de vida do paciente. Quando você consegue vencer um desafio, encontra estímulo para continuar trabalhando, fazendo da melhor forma.

Entrou no HC e nunca mais saiu. O hospital se tornou sua "casa profissional". Conta que passou por setores diversos do hospital. Atuou por sete anos na pediatria e, antes da pandemia, estava no atendimento ambulatorial de reabilitação da pneumologia.

Fez mestrado na USP e deu uma pausa nos planos do Doutorado para realizar a vontade da maternidade. Hoje, mora com a mãe de 70 anos e a filha de 11.

- O meu maior medo é levar o vírus para elas.

As duas estão em isolamento total desde março e Andrea só sai para trabalhar no hospital. Quando chega, passa por todo um processo de limpeza e desinfecção antes do abraço.

Reformularam a casa. Retiraram objetos de decoração deixando o ambiente mais fácil de ser limpo. E seguem unindo forças.

- Sabe o filme "A vida é bela"? Eu tento tranquilizar minha filha para que essa situação não deixe traumas no futuro. Procuro conversar, jogar, brincar. Tento manter a normalidade.

A pequena faz apertar o coração, que além de fisioterapeuta é também de mãe.

- Se ela não tiver tantas dificuldades eu consigo me acalmar.

Andrea tem um falar tranquilo. Até quando conta dos desafios, usa as palavras com pausas e calmaria.

- Quando você consegue se acalmar e trabalhar com segurança, acalma também quem está ao seu lado. Isso se reflete na equipe e nos pacientes.

Entende que tudo é parte da caminhada: perdas e conquistas.

- Momentos ruins podem servir de aprendizado para que você não perca a espe-

rança. Toda a tristeza de ver um paciente ir a óbito pode ser revertida no próximo atendimento. Você tenta fazer diferente, sempre sabendo que a luta não vai ser em vão.

O contato com os pacientes é muito próximo. Precisa, então, estar totalmente paramentada e protegida: luvas, máscara, avental, proteção no rosto. São 10 minutos para se preparar. A cada paciente atendido, toda aquela paramentação é descartada e outra é colocada.

- Quando perguntaram quem queria ir para o setor da Covid, muitos profissionais tiveram receio. Eu decidi me voluntariar. Vou enfrentar. Não vou ficar com medo.

A calmaria vem na mesma medida do otimismo.

- Os pacientes são graves, mas com boa vontade e trabalho em equipe vamos conseguir condições para que eles sejam bem atendidos.

O segredo?

- Estou vivendo um dia de cada vez. Temos que aprender a viver no presente. Se vivermos no futuro em um momento como esse, a ansiedade não nos dá chance de realizarmos o que precisamos no dia de hoje.

Faz um apelo. É preciso que cada um faça a sua parte.

- Eu queria muito que as pessoas se conscientizassem e ficassem casa.

As férias com a filha estavam planejadas. As duas iriam para fora do país e já estavam cheias de ideias. Tudo adiado. Andrea segue na linha de frente, fazendo o melhor todo dia. Ajudar a respirar é sua grande missão no momento.

ANDREA ROSSI CAMPOS, FISIOTERAPEUTA DO HOSPITAL DAS CLÍNICAS DE RIBEIRÃO PRETO



Desafio: Elvio é o coordenador do Samu de Ribeirão Preto e outras 25 cidades

ara Elvio, a escolha pela Medicina não teve marco ou momento decisivo. O pai é médico, a mãe dentista. Ele, que cresceu em meio a conversas de consultório, sente que o caminho foi definido ainda menino.

Não sabia, porém, que dentro de todas as possibilidades que a Medicina apresenta iria se encantar pela urgência e emergência. Isso, descobriu ao longo da trajetória, na faculdade.

Também não poderia prever que, rapidamente, se tornaria responsável por centenas de profissionais e milhares de pacientes. Desde janeiro de 2018, Elvio Antônio Pinotti Neto, 36 anos, é responsável pelo Samu de Ribeirão Preto e de outras 25 cidades da região. Em tempos de pandemia, coordena uma equipe com mais de 230 funcionários, no desafio de oferecer atendimento com qualidade e, ao mesmo tempo, cuidar da saúde de profissionais expostos a uma doença desconhecida.

- Luma pandemia de incertezas. Essa é a palavra-chave. Sem saber como vai ser, tudo se desorganiza. Desde a saúde mental dos profissionais até as questões de estrutura.

A rotina, que já era de surpresas e muito trabalho, agora tomou outras proporções. O Samu de Ribeirão Preto chegou a ter 70 funcionários afastados pelo contexto da Covid-19, entre casos suspeitos e grupo de risco. Os casos e internações na cidade aumentaram.

- Nós somos escolhidos por Deus para estarmos nesse momento. Vem medo, vem insegurança, mas questionamento ou abandono não há. Vamos sair de tudo isso diferentes. Será um grande aprendizado.

A Medicina sempre foi assunto rotineiro na casa de Elvio.

- Nós, que trabalhamos na saúde, levamos muito trabalho para discutir em casa. O contato acaba sendo em doses homeopáticas. Quando você se dá conta, já está enfeitiçado por tudo isso.

Nasceu e cresceu em São Paulo, capital. Passou em Medicina na Unaerp, em Ribeirão Preto e, de cara, se encantou pela cidade.

- É pequena, mas te proporciona as mesmas situações de São Paulo. Tem tudo! E ainda permite um reconhecimento profissional maior do que na capital.

Na faculdade, começou a se dedicar à urgência e emergência. Se formou em 2001 e, depois, se especializou em Medicina Intensiva no Albert Einstein. Começou a atuar em unidades de saúde de Ribeirão Preto e região até prestar o concurso para a rede de saúde municipal, em 2014. Entrou direto para o Samu.

Atuou quatro anos na regulação médica e na ambulância antes de assumir a coordenação, em 2018. Soma a essa jornada plantões com monitoria aos alunos de Medicina da Unaerp.

- Eu vejo neles as minhas dúvidas e inseguranças de antigamente. A Medicina faz

a nossa triagem inconscientemente. Ela nos escolhe, e não o contrário.

Na UPA, que se tornou polo da Covid-19 na cidade, deixa as funções administrativas para estar em contato direto com os pacientes.

- Eu não quis perder a mão...

Para o médico, os desafios do coronavírus são muitos, todos ligados à incerteza que acompanha a doença.

- Tem alto poder de infecção e tudo é muito incerto. Não sabemos como vai ser, quantas pessoas serão acometidas, quantas irão desenvolver a forma grave da doença, qual é o curso.

O tempo de internação demandado por cada paciente também é desafio.

- Se todo mundo precisar de leito ao mesmo tempo, teremos um colapso. Países ricos, com recursos, sofreram com isso. Ribeirão Preto é uma região privilegiada, com rede hospitalar muito boa. Mas precisamos estar atentos.

Também é uma doença que afasta as pessoas, sadias e doentes.

- A cultura do país é de ficar com o doente até o final e, depois, também no velório. Nossa cultura é de velórios cheios. E essa doença amputa tudo isso de uma hora para outra. Quando o paciente é internado, a família só poderá voltar a vê-lo se ele tiver alta. Se não, não o verão nunca mais. Isso é muito ruim para todos. Até para os médicos. É algo que estamos aprendendo a fazer.

Além dos traumas, acidentes, urgências, a equipe do Samu é responsável por atender pacientes graves, transportá-los, removê-los de um hospital a outro, inclusive os que estão com a Covid.

- Apesar do contato com o paciente ser curto, as histórias são as mais diversas possíveis. Histórias que não estão próximas da nossa realidade e nos sensibilizam.

Enquanto gestor, Elvio se preocupa com a saúde física e mental dos funcionários.

- Hoje eu sou responsável não só por garantir a assistência de todos, como também por manter um bom relacionamento com os hospitais, para conseguirmos a vaga que o paciente precisa. Também preciso ter um bom relacionamento com os profissionais, mantendo os servidores íntegros.

Ele não acredita em solução rápida.

- Acho que é uma doença que veio para ficar. Teremos que manter os mesmos procedimentos, o uso dos equipamentos de proteção e, daqui a um ano, quando tivermos um paciente com sintomas respiratórios, assim como pensamos em H1N1, pneumonia, vamos ter que pensar no coronavírus. Teremos que conviver com isso.

Para isso, ele diz, é preciso conscientização.

- As pessoas dependem do trabalho para se manterem, mas a etiqueta respiratória vai ter que continuar no nosso meio. Quando o inimigo é invisível, é mais difícil de nos conscientizarmos. A gente precisa viver na pele para sentir.

Entre tantos desafios, nenhuma dúvida sobre a profissão que escolheu tão menino. O médico segue acreditando em seu papel.

- Somos privilegiados em podermos dar nossa contribuição nesse momento. Somos escolhidos por Deus.

Para ele, é mais um dia na linha de frente.

ELVIO ANTÔNIO PINOTTI NETO, COORDENADOR DO SAMU DE RIBEIRÃO PRETO E REGIÃO